Angústia: enigma e certeza¹

Luis Izcovich
Tradução de Lia Silveira

Resumo

O texto tem como objetivo mostrar como as elaborações introduzidas por Lacan no seminário *A angústia*, ao subverter a concepção clássica da angústia, promovem também uma nova concepção de certeza, que será decisiva para a análise. Nessa nova concepção, a certeza não se extrai a partir de argumentos, como propõe a filosofia. Ela também diverge da própria concepção anterior de Lacan, segundo a qual a certeza seria reservada ao sujeito psicótico, ao emergir diante do encontro com o vazio enigmático correlativo ao fenômeno da cadeia quebrada, em que o significante se desprende e adquire seu valor na medida em que retorna no real. No entanto, enquanto na psicose a certeza está ligada ao significante enigmático, a partir do seminário da *Angústia*, Lacan elabora outra possibilidade de extração da certeza, dessa vez não mais ligada à dimensão simbólica, mas, sim, à hiância que se abre entre os significantes e pela qual se constata um real implicado na experiência. A angústia é índice desse real e, como afeto que não engana, participa da possibilidade da extração de uma certeza ao final de uma análise. Uma certeza não mais ligada à expectativa de encontrar a ideia perfeita, mas, sim, a uma experimentação do afeto que produz um assentimento conclusivo, que, por sua vez, não comporta mais nenhuma ambiguidade.

Palavras-chave:

Angústia; Certeza; Real; Final de análise.

Anguish: enigma and certainty

Abstract

The text aims to show how the elaborations introduced by Lacan in the seminar about *Anguish*, by subverting the classical conception of anguish, also promote a new conception of certainty that will be decisive for analysis. In this new conception, certainty is not extracted from arguments, as philosophy proposes. It also diverges from Lacan's own previous conception, according to which certainty would be reserved for

---

¹ Esta conferência foi realizada no Ciclo de Debates Preparatórios para o XII Encontro da Internacional dos Fóruns e VIII Encontro Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, organizado pelas delegadas do Fórum Fortaleza (Lia Silveira e Thalita Fontenele) no dia 13 de janeiro de 2024.

the psychotic subject, when it emerges from the encounter with the enigmatic void correlative to the phenomenon of the broken chain, in which the signifier is detached and acquires its value since it returns on the real. However, while in psychosis, certainty is linked to the enigmatic signifier, from the seminar on *Anguish* onwards, Lacan elaborates another possibility for extracting certainty, this time no longer linked to the symbolic dimension, but rather to the gap that opens up between the signifiers and through which a real implicated in the experience can be verified. Anguish is an index of this real and, as an affect that doesn't lie, it participates in the possibility of extracting certainty at the end of an analysis. A certainty that is no longer linked to the expectation of finding the perfect idea, but rather to an experimentation of the affect that produces a conclusive assent, which, in turn, no longer involves any ambiguity.

Keywords:

Anguish; Certainty; Real; End of analysis.

La angustia: enigma y certeza

Resumen

El texto pretende mostrar cómo las elaboraciones introducidas por Lacan en el seminario sobre la *Angustia*, al subvertir la concepción clásica de la angustia, promueven también una nueva concepción de la certeza que será decisiva para el análisis. En esta nueva concepción, la certeza no se extrae de argumentos, como propone la filosofía. También diverge de la concepción anterior de Lacan, según la cual la certeza estaría reservada al sujeto psicótico, cuando surge del encuentro con el vacío enigmático correlative al fenómeno de la cadena rota, en la cual el significante se desprende y adquiere su valor en la medida en que retorna en lo real. Sin embargo, mientras que en la psicosis la certeza está ligada al significante enigmático, a partir del seminario sobre la *Angustia*, Lacan elabora otra posibilidad de extraer certeza, esta vez ya no ligada a la dimensión simbólica, sino a la hiancia que se abre entre los significantes y a través de la cual se constata un real implicado en la experiencia. La angustia es un índice de este real y, como afecto que no engaña, participa de la posibilidad de extraer certeza al final de un análisis. Una certeza que ya no está ligada a la expectativa de encontrar la idea perfecta, sino a una experimentación del afecto que produce un asentimiento conclusivo, el cual, a su vez, ya no implica ninguna ambigüedad.

Palabras clave:

Angustia; Certeza; Real; Fin de análisis.

L'angoisse : énigme et certitude

Résumé

Le texte vise à montrer comment les élaborations introduites par Lacan dans le séminaire sur *L'Angoisse*, en subvertissant la conception classique de l'angoisse, promeuvent aussi une nouvelle conception de la certitude qui sera décisive pour l'analyse. Dans cette nouvelle conception, la certitude n'est pas extraite des arguments, comme le propose la philosophie. Elle s'écarte également de la conception antérieure de Lacan, selon laquelle la certitude serait réservée au sujet psychotique, lorsqu'elle émerge de la rencontre avec le vide énigmatique corrélatif au phénomène de la chaîne rompue, dans lequel le signifiant se détache et acquiert sa valeur dans la mesure où il revient du réel. Cependant, si dans la psychose, la certitude est liée au signifiant énigmatique, à partir du séminaire sur *L'Angoisse*, Lacan élabore une autre possibilité d'extraction de la certitude, cette fois non plus liée à la dimension symbolique, mais à l'écart qui s'ouvre entre les signifiants et par lequel on constate un réel impliqué dans l'expérience. L'angoisse est un indice de ce réel et, en tant qu'affect qui ne trompe pas, elle participe à la possibilité de dégager une certitude au terme d'une analyse. Une certitude qui n'est plus liée à l'attente de trouver l'idée parfaite, mais plutôt à une expérimentation de l'affect qui produit un assentiment conclusif, qui à son tour ne recèle plus aucune ambiguïté.

Mots-clés :

Angoisse ; Certitude ; Réel ; Fin d'analyse.

O seminário *A angústia* (Lacan, 1962-1963/2005) é um momento-chave na elaboração lacaniana, não apenas porque Lacan subverte a concepção clássica da angústia, mas sobretudo pelas consequências que isso tem para o tratamento analítico e sua conclusão. É certo que a reviravolta maior depende da colocação em causa da tese clássica em psicanálise de que a angústia não é sem objeto.

Extraí-se também desse seminário e em relação a essa tese uma nova concepção de certeza, que será decisiva para a análise. É isso que vou tentar mostrar. A nova concepção da angústia, em Lacan, determina uma nova teoria da certeza. Ela diz respeito ao afeto.

Ao tomar essa posição, Lacan adota uma concepção que vai contra a corrente da filosofia clássica, mas também contra sua própria concepção anterior.

Parto da primeira concepção de certeza em Lacan. Ela é explícita em relação à psicose, em seu texto "De uma questão preliminar" (Lacan, 1957-1958/1998), no qual Lacan demonstra a emergência da certeza em uma sequência em que ela surge após o encontro com um vazio enigmático. Lacan refere-se ao "grau de

certeza” que adquire um peso proporcional ao vazio enigmático, que aparece, no início, no lugar da própria significação. Constrói-se, assim, uma sequência, em que o primeiro tempo é relativo a uma significação enigmática, e, depois, o significativo, que vem logo em seguida, carregando a certeza, sendo essa tanto maior quanto mais importante tenha sido o vazio. É isso o grau de certeza. Ele produz, nos termos de Lacan, um assentimento por parte do sujeito.

Vemos, então, que essa concepção de certeza é correlativa do fenômeno da cadeia quebrada, ou seja, de um significativo que se desprende e que adquire seu valor na medida em que surge de modo isolado. É isso que quer dizer o significativo no real.

Ora, quando Lacan retoma a concepção clássica da certeza na filosofia, ele adota uma nova perspectiva, pois coloca no centro de sua proposta um acesso à certeza que não se dá pela via da ideia perfeita, mas pela via do afeto. Isso não exclui a elaboração de Lacan acerca da certeza na psicose, mas sobretudo relativiza a dimensão do acesso à certeza pela via da elaboração significativa. Em outras palavras, a elaboração na transferência, apesar dos instantes de certeza que emergem, não produz uma certeza duradoura. Por outro lado, é válido ressaltar que a certeza por meio do afeto também envolve uma sequência em que, no início, há a dimensão de um enigma e, depois, a produção de uma certeza. Uma questão que se coloca, então, é: o que distingue o enigma cujo efeito é a angústia do vazio enigmático da psicose?

O enigma que está em jogo na angústia diz respeito ao objeto no Outro. É o enigma de um desejo, de um x . O enigma da psicose é um enigma na significação, é um “o que isso quer dizer?” que está aquém mesmo de ser concernido pelo desejo do Outro. O enigma na psicose diz respeito, portanto, a um significativo enigmático. O enigma da angústia diz respeito à lacuna entre os significantes.

Mas o enigma, em sua essência, é o cúmulo do sentido. Podemos apreender a proximidade entre o enigma e a certeza, e é por isso que, por vezes, na psicose, o enigma adquire o estatuto de certeza. Retomo a dimensão da certeza pelo afeto, que tem um estatuto diferente da certeza do saber e que ultrapassa o conhecimento e o pensamento. É assim que Lacan se posiciona, no seminário *A angústia* (Lacan, 1962-1963/2005), contra uma concepção que, de Santo Anselmo a Descartes, apoiou-se no raciocínio para definir e alcançar a certeza.

Em relação a esses autores, Lacan menciona uma certeza baseada na ideia perfeita. Note-se, então, que o seminário *A angústia* (Lacan, 1962-1963/2005) é uma oportunidade para Lacan se posicionar na contramão dessa concepção. Quando ele estabelece a angústia como afeto de exceção, está dizendo, em outras palavras, que se trata de um afeto que não faz semblante. É um afeto no sentido de ser experimentado, sem, no entanto, ser um sentimento, pois os sentimentos, em sua essência, mentem. Mais do que sentimentos, os afetos geram assentimento, que é

a base da certeza. Delimitar a certeza pelo afeto é, portanto, diferente de delimitá-la por uma ideia. É nesse sentido que Lacan formula que a perfeição da ideia “é a sombra de uma outra certeza, a da angústia” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 240).

Assim, a angústia-certeza, é ela que não engana, ao passo que a característica dos afetos é enganar, tanto aquele a quem se dirigem quanto aquele que os experimenta. É a certeza de que um real está implicado na experiência. Fenômeno de angústia, emergência do real. O que é recalcado são os significantes que o amarram. O sujeito não sabe que palavras atribuir ao que está sentindo. O afeto desamarra-se do significante, “desliza à deriva”. A angústia é assim: ela é experimentada, mas sua causa permanece enigmática para o próprio sujeito. Quando perguntamos a alguém por que é que se sente angustiado, muitas vezes ele se sente ainda mais angustiado, pois, justamente, não sabe dizer por quê.

A questão é, pois, sobretudo teórica: De que a angústia é certeza? Para quem ela é uma certeza? Por fim, como pode um afeto que envolve uma certeza estar tão frequentemente na base de um pedido de análise?

Saber-se existindo, ter consciência de si mesmo, aí há angústia. Portanto, não se trata apenas de um saber. Saber-se existente é ser tomado “sem estar aí totalmente implicado”. No seminário sobre a angústia, isso aparece como estar preocupado, mais como objeto do que como sujeito, estar preocupado, interessado no mais íntimo de si mesmo (Lacan, 1962-1963/2005, p. 177).

Lacan formulou-o de outra forma, que podemos correlacionar com a proposta de Freud. De fato, a proposição de Lacan é que a análise é a arte de suspender as certezas do sujeito até que as últimas miragens sejam consumidas.

A proposta do analista de suspender as certezas pressupõe várias coisas. Em primeiro lugar, que o saber que precede a análise é um saber que o sujeito fabricou a partir de mitos.

Observem que Lacan postula que a certeza não está reservada à psicose. É uma ideia muito geral. Assim que encontramos alguém que hesita um pouco, dizemos que é um neurótico, porque os que têm certezas são psicóticos.

Mas, quando Lacan se refere à arte de suspender as certezas, ele não se refere à neurose. Ele se refere ao fato de que a análise é uma suspensão, mas que não consiste em suspender o tempo. Lacan descreve-a como a arte da análise, o que significa que ela diz respeito ao conjunto do processo. A suspensão consiste em saber introduzir, para um sujeito, a questão “Isso é mesmo como eu acreditava?”. É dar tempo para que o analista faça o sujeito perceber que se trata de certezas que respondem a miragens.

O fato de Lacan afirmar que as certezas se consomem introduz necessariamente a dimensão do tempo. É preciso tempo para que elas caiam, e voltamos à fórmula segundo a qual a transferência é uma noção essencialmente ligada à questão do tempo.

Isso significa que a análise maneja o tempo de forma que as miragens não caiam nem demasiado cedo, nem demasiado tarde.

Mas a análise como suspensão supõe também outra dimensão: é a arte de suspender a resposta. A resposta analítica não pode vir demasiado cedo. Não se trata de mantê-la em reserva *ad infinitum*, mas de suspender a resposta, de modo a permitir que o analisando efetue o trabalho de mobilização de seus próprios significantes.

Começemos por aqui: Freud, que havia postulado a angústia como estando em uma situação excepcional entre os estados de afeto, sustenta igualmente que a angústia é a angústia de alguma coisa, e ela se caracteriza por sua indeterminação e pela ausência de objeto. Quando ela encontra o objeto, transforma-se em medo. Como é que um afeto que produz indeterminação pode também ser a base da certeza? Quando Freud postula que a angústia é a expectativa de um perigo, deduzimos que o carácter de iminência desse perigo se impõe ao sujeito, de onde deriva a certeza, o que é o correlato da postulação da angústia como afeto sinal (Freud, 1926/2014).

Em termos freudianos, a angústia não engana; precisamente, nisso, que todo objeto lhe escapa. Podemos dizer que a angústia não sucumbe à sedução dos objetos. Por outro lado, Freud afirma que a angústia social e moral, angústias, portanto, indeterminadas quanto ao objeto, remete à angústia de castração pelo pai. Na série, Freud acrescenta a angústia de morte, sempre ligada à angústia de castração. A certeza da angústia é, portanto, bem-fundamentada, não é ambígua. É de notar que Freud insiste naquilo a que chama *Angstbedingung*, as condições que determinam a emergência da angústia, que são uma premissa daquilo a que Lacan chama a conjuntura de sua emergência.

Em sua primeira abordagem da angústia, constatamos também, em Lacan, o estatuto de certeza da angústia. Assim, no seminário *A relação de objeto* (Lacan, 1956-1957/1995), a angústia é ligada ao encontro com o lugar vazio, ao qual tudo é preferível. “Tudo menos isso” designaria a certeza que Hans experimenta quando se depara com a angústia. Assim, em vez de um vazio, é preferível um suporte, e é aqui que um significante polivalente toma o lugar da angústia: o cavalo. A tragédia do neurótico é a perda de pontos de referência. O que falta ao sujeito é a experiência de ter tido verdadeiramente medo. O caso do pequeno Hans demonstra-o especialmente. Na ausência dessa experiência, o sujeito fica suspenso ao desejo do Outro. Bastou a perda da certeza concernente ao que faz o laço entre os pais para reunir as condições de surgimento da angústia.

No entanto, é evidente que não se trata de uma despersonalização, pois rapidamente ele constitui um centro enigmático em torno de um significante. A criança passa do incompreensível de seu afeto ao enigma do significante. Esse caso levanta a questão de saber se uma elaboração mais precisa, uma articulação metódi-

ca que permite seguir uma lógica, mesmo mítica, é capaz de criar certeza em si mesma. É certo que, na passagem do centro enigmático para a arborescência da elaboração mítica, ocorreu uma resolução da crise para o pequeno Hans. Antes da angústia, ele tinha uma certeza: a da mãe, o ponto fixo e estável em torno do qual se ordenava seu mundo. Depois, a felicidade com a mãe transformou-se em uma realidade sufocante, mostrando que a angústia não tinha a ver com a distância da mãe, mas com o fato de estar demasiado perto dela. Antes, o pequeno Hans tinha a certeza do amor. O medo de perder seu lugar no amor da mãe foi essencial para o aparecimento da angústia, que fez com que tudo vacilasse.

Que estatuto devemos dar aqui à certeza da angústia? O pequeno Hans não adquire a certeza por meio da argumentação: os argumentos do pai não deixam marca, e as palavras de Freud apenas suscitam, como diz Lacan, um “assentimento ambíguo”, o que mostra a diferença em relação à certeza dada pelo assentimento. De fato, pode-se dizer que, em análise, todos os assentimentos são ambíguos, ou assentimentos em suspensão. Estão, de fato, suspensos ao assentimento conclusivo, que, por sua vez, não comporta nenhuma ambiguidade.

Em sua primeira abordagem da angústia como sem objeto, Lacan já avança a ideia daquilo com que o sujeito se confronta, evocando este momento: “onde ele se perde e ao qual tudo é preferível” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 353). Assim, ainda que Lacan afirme que ela não tem objeto, ele coloca a angústia diante do pai e o medo como ligados ao afastamento, não da mãe, como muitas vezes pensamos, mas do pai. Depois, o medo é ligado ao cavalo, ao fato de ele arrancar rapidamente. O cavalo torna-se o significante obscuro cujo papel é polarizar e estruturar o mundo. O afeto da angústia é, assim, a essência da fobia, desde que um significante se cristalice no lugar do vazio enigmático com que o sujeito se depara.

O que Lacan também postula é que, para o pequeno Hans, a angústia decorre de saber que ele existe, de ter consciência de si mesmo. Saber-se existente é ser tomado “sem estar totalmente implicado”. No seminário *A angústia*, isso passa a ser estar concernido, ser, antes, objeto que sujeito, “interessado no mais íntimo de si mesmo” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 177). A angústia emerge, portanto, na sequência de um impasse na interpretação do desejo do Outro.

O caso do pequeno Hans mostra que as contradições das formações do inconsciente, e os afetos que se deslocam, deixam em aberto a questão do que constitui a certeza depois daquela que é encontrada junto da mãe, a certeza do amor, portanto; e depois a certeza que consiste em formular-se: “capturei a besteira”. Desde logo, o pequeno Hans tem acesso aí a outra certeza, a de ter o falo. Note-se que a condição de acesso é relativa a uma localização significante que reúne toda uma organização em um único significante. É nisso que consiste a fobia. É simples em seu funcionamento, mas exige uma verdadeira reelaboração dos significantes. Nesse sentido,

ela é uma cristalização organizada, o que permite afirmar, como o faz Lacan, que a fobia é uma poesia viva. Ela é suplência àquilo que faltou. E o que faltou, para o sujeito, não foi o amor, mas a conclusão da experiência infantil da castração.

Podemos desde já deduzir que quando, nesse ponto de sua obra, Lacan prolonga a tese clássica de que a angústia não tem objeto e postula que a fobia tem sempre um significante, está a entrever que a angústia não tem significante. Isso já a coloca em relação direta com o real, como ele faz no seminário *A angústia* (Lacan, 1962-1963/2005). É isso que constitui a base da angústia do pequeno Hans. Seu pênis não foi ameaçado, e, por isso, o sujeito não ganha legitimidade em sua relação com o falo. A tese de Lacan é que a angústia está ligada às normas e à legitimidade, à perda de pontos de referência, o que parece ser o contrário de uma certeza. Veremos, então, como a questão da legitimidade se torna essencial.

Com o seminário *A angústia* (Lacan, 1962-1963/2005), Lacan introduz essa nova dimensão da certeza, que diz respeito à causa, ou seja, ao irredutível no advento do sujeito. A angústia é um sinal, como postulou Freud. Ela é sinal de um desejo, não necessariamente por vir, mas pode ser o sinal de um desejo que foi evitado. Nesse sentido, a angústia não é necessariamente a expectativa de um advento, mas há uma angústia retrospectiva, que é a de um desejo que permaneceu à espera. Assim, a angústia-certeza é que não engana, ao passo que o próprio aos afetos é enganar tanto a pessoa a quem se dirigem quanto a pessoa que os experimenta.

No caso da angústia, é a certeza de que um real está implicado na experiência analítica. O que Lacan demonstra é que a angústia se correlaciona com um objeto, o objeto *a*, em vez de com o vazio. Há vários objetos, mas todos eles têm um caráter comum. Eles encontram sua essência no fato de serem partes do corpo, portanto objetos parciais, mas separáveis, destacáveis. Nesse sentido, é o corte que dá a verdadeira estrutura à função desses objetos, mas é também o corte que dá estrutura à angústia. A angústia é signo do objeto *a* sem que o sujeito saiba de que ela é signo.

Mas, por que seria ela um afeto fundamental? Há várias razões. A primeira é que a angústia é um afeto capaz, por si só, de suscitar um pedido de análise. Não é o único, mas é o mais frequentemente evocado no pedido de análise. A angústia é fundamental na medida em que vai contra todos os discursos estabelecidos. Quando a experimentamos, não há como apelar à razão ou ao senso comum. A angústia agarra-os, apodera-se de vocês, rasga os véus atrás dos quais um sujeito tenta esconder-se. Ela faz intrusão, enigma, surpreende, agarra mesmo pela garganta, ela é indescritível e, por vezes, cola-se a outros afetos, como a dor, a tristeza ou a ansiedade. Há uma segunda razão pela qual a angústia é um afeto fundamental: é que ela é um verdadeiro afeto de transferência. Em primeiro lugar, porque, paradoxalmente, o processo analítico produz angústia. Mas também porque a angústia é uma bússola para o analista. Ela é o que permite identificar

a relação do sujeito com seu desejo. Dizer que ela tem uma função é dizer que a angústia não é um sinal negativo, mas um sinal que nos permite orientarmo-nos.

A angústia surge a cada vez que um sujeito é confrontado com o desejo do Outro e sem a possibilidade de poder nomear esse desejo. Em termos freudianos, está ligada ao recalque e, por conseguinte, à neurose. Será que podemos sustentar a mesma coisa hoje? Lacan propõe uma estrutura e uma conjuntura para a angústia. No que se refere à estrutura, ela diz respeito, como eu dizia, a um corte constitutivo, a uma separação do Outro e à produção do que funciona como parte do corpo que causa o desejo. A estrutura da angústia de Lacan postula, portanto, também uma afinidade entre angústia e neurose.

Esse é, aliás, outro nível de certeza que se explicita em Lacan quando ele postula que a angústia é a única tradução subjetiva do objeto *a*. Em outras palavras, é uma certeza para o analista que a angústia é o índice do objeto *a*.

Na angústia, portanto, há uma incerteza: não sei que objeto sou para o outro.

Quando dizemos que ela constitui uma certeza, a quem nos referimos? Ao analista, porque a angústia é o índice mais fiável de que o sujeito está em vias de aceder a seu desejo. Mas ela também implica uma certeza para o analisando. Um sujeito pode não ter a certeza de seus sentimentos, pode estar perdido, mas, se for tomado pela angústia, nesse preciso momento, não tem dúvidas.

É um fato clínico que a análise é uma experiência que convoca a angústia. A análise reatualiza o momento da angústia inicial, e é isso que torna possível uma descolagem entre o gozo e o desejo. Pois a angústia é a via que permite ao sujeito subtrair-se do gozo e assumir uma posição desejante. Não só porque a análise vai contra o recalco, mas também porque não pode haver acesso ao âmago do ser do sujeito sem que cada sessão se desenrole no nível de uma fronteira entre as imagens e a fala, por um lado, e o indizível, por outro.

Então, quando Lacan fala da conjuntura, o que ele postula é que sua emergência está ligada ao inominável do desejo do Outro. A conjuntura é, portanto, transnosográfica. Isso suscita um desenvolvimento. O que dizer da angústia em relação àqueles para quem o Outro não existe, cujo paradigma é dado pela esquizofrenia, ou para aqueles que percebem os signos do Outro como signos do gozo do Outro? E, ainda, a angústia, na melancolia, pode ser correlacionada com o desejo do Outro? Há duas opções: ou consideramos que a angústia nem sempre está ligada ao desejo do Outro, ou postulamos que, na ausência do desejo do Outro, o afeto em questão não é angústia. Estou inclinado para essa segunda opção. Vale a pena estudar os efeitos da angústia na psicose.

Gostaria de fazer algumas observações: quando Lacan diz que a angústia aparece quando a falta falta, isso nos dá uma indicação de excesso. A falta é o índice de uma incerteza. O fato de a falta faltar é o contrário disso. A falta diz respeito a uma sim-

bolização necessária, a uma separação que deixa como traço a simbolização. Nesse sentido, Lacan segue o exemplo de Freud. A angústia está ligada ao recalque.

A angústia é o índice de uma simbolização e também o índice de uma simbolização não concluída. É aqui que se encontra o eixo essencial introduzido por Lacan em sua concepção da angústia, a saber, que ela é um afeto índice da simbolização impossível.

Segunda observação: para o esquizofrênico, para quem todo simbólico é real, que valor tem a fórmula de Lacan, angústia, afeto do real?

Será preciso aperfeiçoar nossa clínica dos afetos na psicose e perceber que, quando se fala de angústia, trata-se muitas vezes de horror, de pânico, de perplexidade ou, como refere Lacan no seminário *A angústia*, de despersonalização ligada à desposseção do Outro, cujo exemplo maior é *O Horla*, de Maupassant (Lacan, 1962-1963/2005).

Vejam as coisas por este outro ângulo, o das diferentes formas clínicas da angústia de morte. Como Freud explicou, elas estão ligadas à angústia de castração, mas apenas no caso da neurose. Outra coisa é na psicose, na qual, às vezes, a experiência ligada à ideia da morte e de sua iminência não está ligada à castração, mas, sim, à falta dela. É o que mostra a experiência da morte iminente. Trata-se, antes, de um esgarçamento subjetivo, o que é diferente da angústia. Do mesmo modo, é certo que na psicose prevalece um estado que se distingue de um afeto, que é o da ansiedade, que encontra sua essência em uma indeterminação do saber. O sujeito está suspenso como um objeto à espera de saber qual será seu destino. Note-se que Lacan utiliza o termo ansiedade para descrever o estado de Schreber, no momento de seu aparecimento, como “confusão ansiosa”. Tal como no caso de *Horla*, trata-se do afeto do sujeito no momento da regressão tópica no estádio do espelho, quando o sujeito é despojado do Outro.

É preciso notar que há também um não saber na angústia. A experiência da análise não é tanto transformar o não saber em saber, mas como se sustentar no não saber sem estar na ansiedade.

O não saber na ansiedade, que muitas vezes se manifesta na psicose, está relacionado com a definição que Lacan deu do autoerotismo na esquizofrenia, isto é, que o sujeito carece de si. Esse é um ponto fundamental, porque, se postulamos que na angústia falta a falta, a fórmula tem de ser correlacionada com a neurose, porque na psicose não é que falte a falta, mas, sim, que há um buraco fundamental, o que explica que os afetos não sejam muitas vezes o efeito da mediação do fantasma, mas, sim, o efeito de fantasias de fragmentação do corpo. A experiência da fragmentação do corpo na esquizofrenia diz respeito ao fato de a palavra não ser o assassinato da coisa. Aqui, a linguagem e o corpo estão radicalmente desarticulados, o que explica o fato de Freud ter proposto a proximidade entre a esquizofrenia e a melancolia.

O mesmo se passa com o pânico e sua afinidade com a psicose: não é o significante no lugar do objeto indizível, como na alucinação, mas um objeto no lugar do objeto indizível.

Retomo, então, a clínica da angústia em relação à clínica da vida amorosa. Percebemos que, se há uma afinidade eletiva, é porque o amor engendra incertezas, nomeadamente sobre o desejo do Outro: quais são suas verdadeiras intenções? Isso se traduz na pergunta: “O que ele quer de mim?”. Na angústia, portanto, há uma incerteza: não sei que objeto sou para o outro. Mas, ao mesmo tempo, confirmamos a observação de Freud de que a angústia, na mulher, está correlacionada com a possível perda do amor de seu parceiro. Nesse caso, a angústia está ligada a uma ameaça, a uma perda futura, mas também a uma perda já ocorrida. A perda do amor do objeto é um perigo e, portanto, a condição determinante da angústia. O ponto nodal é a noção de perigo. A angústia assume, portanto, formas diferentes, mas tem sempre a mesma estrutura. Ela surge sempre que não conseguimos interpretar, ou interpretamos mal, o que o Outro deseja. Essa é, portanto, a primeira condição para sua produção, e a segunda é que nos sintamos preocupados por esse desejo. Em outras palavras, a condição é ter o sentimento de estar no lugar de ser o objeto que interessa ao Outro.

A partir daí, volto às razões pelas quais o dispositivo analítico gera angústia. Se aplicarmos as duas condições que mencionei ao dispositivo analítico, poderemos ver por que é que uma análise tem uma dimensão de angústia. Em primeiro lugar, porque o analisando é necessariamente confrontado com o desejo do analista, com o *Che vuoi?*. A primeira condição é, portanto, da ordem de um enigma, de um x . A segunda razão é que o analisando se sente preocupado pelo desejo que o analista encarna.

Mas há ainda outra razão para a angústia produzida pela análise. É que a análise vai ao encontro do recalque. Parece lógico, portanto, que uma análise que vai contra a fixidez inicial do sintoma aproxime o sujeito do núcleo da angústia fundamental.

A tese freudiana defendida por Lacan é a de que recalamos um desejo porque não nos permitimos ter esse desejo. A tese da psicanálise é que a angústia é a outra face do desejo, o que dá uma indicação: a angústia é um afeto que deve ser considerado como um afeto positivo, no sentido em que ela tem um bom prognóstico. É o que Lacan demonstra com o exemplo da angústia nos psiquiatras, que pode ser generalizada a todos aqueles que se confrontam com a clínica. É um indício de que se está preocupado. Isso nos dá esperança, porque onde há angústia pode haver desejo.

Lacan começa com um plano, situa a estrutura da angústia e antecipa sua proposição: a estrutura da angústia é a mesma que a do fantasma. Escrevemo-la: S relação com a .

Se Lacan retoma o grafo e o matema do fantasma é porque o fantasma é uma resposta ao desejo do Outro. O sujeito se serve de seu fantasma como suporte para o desejo, deseja a partir do fantasma. A partir disso, podemos deduzir logicamente a função da angústia. Ela é o índice de um fracasso do fantasma. O sujeito não conta com a mediação do fantasma para fazer frente ao desejo do Outro.

Lacan começa com a angústia como afeto de transferência e a importância para o analista de saber pesar o quanto se pode sentir de angústia, que é diferente para cada analisante, e a forma como a angústia é manejada por parte do analista. Ele destaca aí que o analista deve sentir o quanto um sujeito pode suportar da angústia. É, segundo Lacan, uma dimensão descuidada pelos analistas da época, enquanto ele coloca a angústia como uma orientação fundamental na direção do tratamento.

De fato, é notório que Lacan começa seu seminário da angústia referindo-se à angústia do analista que começa sua prática, como indicando uma ótima disposição para ser analista.

Para a psicanálise, a angústia é, portanto, um signo do desejo, pelo que, em vez de recuar perante a angústia, o remédio analítico é enfrentá-la, confrontá-la e atravessá-la. Lacan condensa essa perspectiva quando afirma que a angústia se encontra em uma posição intermédia entre o gozo e o desejo. Para resumir essa ideia, poderíamos dizer que há um vetor que vai de tudo o que nos incomoda — nossos sintomas, o gozo opaco que não serve para nada — até ao desejo. O gozo pode transformar-se em desejo, mas isso exige uma passagem necessária e lógica pela angústia.

Quando dizemos que ela constitui uma certeza, a quem nos referimos? Ao analista, porque a angústia é o índice mais fiável de que o sujeito está em vias de aceder a seu desejo. Mas a angústia também implica uma certeza para o analisando. Um sujeito pode não ter a certeza de seus sentimentos, pode estar perdido, mas, se for tomado pela angústia, nesse momento preciso, não tem nenhuma dúvida.

É um fato clínico que a análise é uma experiência que convoca a angústia. A análise reatualiza o momento da angústia primeira, e é isso que permite uma descolagem entre o gozo e o desejo. Essa reatualização tem a ver com a operação de suspensão linguageira por parte do analista. Trata-se de introduzir, para o analisante, um hiato entre a experiência e a maneira como ele se cola a ela. É esse descolamento que faz emergir um desejo. É por isso que uma análise consiste em suspender as certezas do sujeito para que surja uma nova certeza.

Essa descolagem tem, necessariamente, um efeito de angústia. É a via que permite ao sujeito extrair-se do gozo e assumir uma posição desejante. Assim, a análise é uma experimentação da angústia, não apenas porque vai contra o recalado, mas também porque não pode haver acesso ao âmago do ser do sujeito sem que cada sessão se desenrole no nível de uma fronteira entre as imagens e a fala, por um lado, e o indizível, por outro. É assim que entendo o que Lacan quis dizer com

o manejo do objeto, a propósito do objeto *a*. Essa fórmula enigmática pode ser correlacionada com duas outras. Por um lado, com aquela que Lacan propõe ao formular que na transferência se trata do manejo do tempo e, por outro, quando ele evoca o manejo da angústia na análise. O manejo, seja do tempo, da angústia ou do objeto *a*, remete ao tato do analista na transferência, mas também à necessidade do analista de confrontar o sujeito com a zona de fronteira entre o dizível e o indizível. Isso pode ser observado em quase todas as sessões.

Para além de um empuxo-a-associar, cada sessão deve ser vista como uma preparação para o encontro com o real no final da análise. Do mesmo modo, por que é que Lacan, em sua formulação de que “o real toca o real”, refere-se ao discurso analítico? Podemos ver que esse último tem uma estrutura semelhante à da angústia. Pois, se a angústia é inerente à estrutura do sujeito, ela também é inerente à estrutura do discurso analítico, como se pode ver na forma como ele se escreve, em que o analista, na posição de agente, dirige-se a um outro na posição de divisão: $a \rightarrow \$$. Torna-se, assim, lógico que Lacan aplique o termo manejo ao tempo, à angústia e ao objeto *a* ao mesmo tempo. Quando ele formula que o manejo da transferência está ligado ao tempo, isso se refere à angústia e também ao objeto *a*. No fundo, é a mesma coisa.

A relação do analista com a angústia: evitar a angústia do analisante é uma forma de se proteger da sua. Um ponto central, como objetivo de Lacan nesse seminário, é não confundir essa dimensão. Ou seja, o analista deve saber que, quando maneja a angústia na transferência, não é para evitar a própria. Manejar a angústia é guiar-se por aquilo que o paciente pode tolerar sem produzir a rutura transferencial.

O ponto que marca a diferença entre o Outro em Hegel e o Outro em Lacan é que o Outro em Lacan interessa a meu desejo na medida de sua falta e que não o sabe. É isso que o constitui como desejante para mim, já que a ideia de Lacan é que é o único caminho que me permite encontrar o que me falta como objeto de desejo. Dito de outro modo, segundo Lacan, não há acesso ao objeto de desejo sem referência à relação com o Outro. Isso é decisivo para a prática da análise, para a posição do analista, uma vez que a análise é, em sua essência, isso, como, pelo confronto com o desejo do Outro, posso aceder a meu desejo.

O que está do lado do sujeito é o A barrado, o que me constitui como inconsciente, o Outro ao qual não acedo. Lacan refere-se à subsistência do fantasma. É preciso ver aqui uma concepção clínica, que aponta para cernir a diferença do sujeito a partir de afetar o Outro, dividi-lo, reduzi-lo. É por essa via que o sujeito pode aceder a um desejo que não tenha seu suporte no fantasma do Outro.

É claro que é essencial ser guiado pelo desejo, mas isso não é suficiente. É preciso, ainda, provar que nos tornamos responsáveis por nosso desejo. A angústia é um índice de que ainda não somos totalmente responsáveis.

É nessa perspectiva que Lacan privilegia a angústia em relação ao tempo. No seminário *A angústia* (Lacan, 1962-1963/2005), ele mostra que a função da angústia é introduzir o sujeito na dimensão do tempo. Lacan evoca uma relação temporal de anterioridade dessa em relação ao desejo e considera que a dimensão temporal da angústia é equivalente à dimensão temporal da análise. De fato, a angústia prepara o encontro com o desejo. Ela o prepara porque diz respeito ao primeiro nó do desejo e da castração, a partir do momento em que *a* se destaca de *i(a)*. Esse descolamento tem uma estrutura de borda em que o fenômeno da angústia se constitui pelo efeito do desejo do Outro. A angústia se institui, assim, sobre o fundo de um tempo primordial, o da castração, tempo necessário, mas não localizável, tempo lógico, que Lacan designa como o vazio de um tempo primordial. Vazio de quê? Vazio de significante.

Lacan postula também que a castração primordial inscreve um furo. O que mais chama atenção é que ele afirma que o sujeito tem apenas um desejo em relação a essa castração, que é o de retornar a ela. Poder-se-ia pensar que o ser humano procuraria fugir daquilo que estabeleceu seu furo fundamental, mas isso não é verdade. A ideia de que o sujeito tem apenas um desejo, o de regressar, realça a essência da castração: ela dá um ponto de amarração, uma raiz a partir da qual o sujeito pode prosseguir suas aventuras. O primeiro tempo da castração não é apenas estrutural, no sentido de constitutivo do sujeito, mas se torna um objetivo de análise.

Situar o tempo da análise em termos de angústia é uma perspectiva já apontada por Freud, fazendo da angústia um ponto nodal na representação do tempo. Ela, cuja omissão está no cerne da constituição do trauma, constitui uma mediação diante da urgência da pulsão ou do desejo do Outro. A angústia é um afeto que irrompe, enquanto o sintoma é constante, mesmo que seus efeitos sejam sentidos de forma inconsistente. Enquanto a angústia é o afeto paradigmático do enigma, o sintoma é uma manifestação recorrente, conhecida pelo sujeito. Mas a angústia também permite vislumbrar um além, e é isso que Lacan articulou com a função da pressa. O que justifica a referência à pressa é que ela encontra sua especificidade em um vínculo com a angústia em relação ao simbólico. A pressa seria uma mistura entre o simbólico e o real. Em outras palavras, embora o simbólico condicione a pressa, não é ele que a provoca. A causa da pressa é o objeto *a*, o que nos remete tanto à angústia quanto ao discurso analítico. A angústia pode, assim, introduzir o sujeito no tempo, que deixa de ser indeterminado.

A angústia é o índice da simbolização e também o índice de que a simbolização não foi alcançada. E é aí que reside o eixo essencial introduzido por Lacan em sua concepção da angústia, a saber, que a angústia é um afeto índice da simbolização impossível. A premissa já se encontra em *Inibição, sintoma e angústia* (Freud, 1926/2014), quando Freud postula que, para que um perigo interior se torne como um perigo exterior, ele deve passar por uma interiorização.

A angústia é, portanto, índice do real. A análise angustia porque leva o sujeito a um encontro preciso, que é o fim do baile, quando as máscaras caem e se vê a verdadeira face do outro, ao mesmo tempo que somos nós próprios que somos postos a nu. O que a experiência da análise prova é que a angústia é curada pela produção de um ponto de certeza extraído da experiência analítica. O lugar do desejo é o mesmo que o da angústia.

Lacan utiliza uma fórmula que permite evocar a certeza que é o efeito de uma análise, pois a esse respeito ele invoca mais uma vez a angústia. A formulação só se encontra uma vez, na primeira versão da “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” (Lacan, 1967/2003), e em referência ao fim da análise. Ele se refere à angústia legítima. O que é estranho, pois, se a angústia não engana, ela seria sempre autêntica e, portanto, legítima. Então, por que acrescentar legítima? Há angústias que não o são?

Dois respostas parecem-me possíveis e não contraditórias entre si. A primeira é que, a meu ver, o termo legítimo, nesse contexto, remete a uma angústia específica relativa ao final da análise. Poderíamos relativizar o alcance dessa expressão dizendo que Lacan não a incluiu na versão definitiva de sua “Proposição”. Se presto atenção a essa formulação é porque Lacan, ao utilizá-la, tem o cuidado de indicar que já a havia demonstrado. Isso indica que não se trata apenas de uma afirmação apressada feita em um texto oral. E também porque isso corresponde a uma realidade clínica em que a angústia, no final da análise, diz respeito a um momento preciso, o da destituição subjetiva. Retomando a formulação da angústia legítima, poderíamos argumentar que ela diz respeito à experiência de destituição subjetiva, um momento necessário a atravessar, que precede logicamente a experiência feita pelo analisando do “não ser” do analista.

O fato de se tratar de um momento lógico de angústia não significa que seja necessariamente manifesto. Se a angústia é um índice do real, ela seria legítima na medida em que seria um índice de um desejo autêntico. Se definirmos o desejo como necessariamente ligado ao desejo do Outro, o desejo autêntico, resultado da análise, implicará uma separação do desejo do Outro. Ao mesmo tempo, o desejo no final da análise inclui necessariamente a questão do legítimo, no sentido em que Lacan sempre manteve a ideia de um gozo legítimo. A angústia legítima é, portanto, o índice da iminência de um desejo legítimo. A angústia legítima é, portanto, o índice de uma junção, que aponta para a emergência de um desejo inédito ligado a uma ética.

A segunda resposta é que, se a angústia está sempre ligada ao enigma do desejo do Outro, a angústia legítima está ligada ao fim do enigma. A histeria mais aberta ao desejo do Outro.

O fato de o sujeito ter chegado a uma conclusão sobre o enigma do desejo do Outro não significa que tenha terminado a angústia. A angústia legítima é, assim, o índice da destituição subjetiva, uma angústia que não implica tornar-se objeto para um Outro, que é o que é a angústia. Assim, em última análise, defendo que a angústia legítima é um afeto que assinala um momento de conversão, quando se opera para um sujeito a passagem a um desejo inédito.

Haveria, portanto, um afeto comum a todos os analistas, aquele do franqueamento da angústia legítima. Haveria um afeto comum a todos os sujeitos não analisados? Podemos supor que sim, e até deduzi-lo do que Lacan chama de indiferença. A questão que se coloca é a seguinte: por que razão, se o que constitui a sorte comum dos seres humanos em termos de afetos é a dor de existir, Lacan pôde evocar o termo indiferença? A questão coloca-se tanto mais que ele a evoca no mesmo texto, “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” (Lacan, 1967/2003), em que aborda a questão do que é necessário para concluir uma análise. Penso que para Lacan se tratava de indicar o outro polo da experiência, o oposto de sua conclusão, ou seja, o sujeito antes da análise. E creio também que não há contradição em considerar que a dor de existir coexiste com a indiferença.

O termo “indiferença” está na mesma linha que a frase “o sujeito é sempre feliz”. O que o termo “indiferença” introduz, e por isso designa, é o sujeito antes da análise, ou seja, um sujeito que não está preocupado. É isso que torna a indiferença compatível com a dor de existir. Pois experimentar a dor de existir, que se traduz pelo sofrimento, pode levar o sujeito a concluir que isso faz parte da condição humana e, quando se trata de fatos bem precisos, pode concluir que a culpa é do Outro. Pode até recusar as figuras do Outro, mas tudo isso o deixa indiferente, na medida em que não vê como participa de sua desgraça. Pode-se muito bem ser infeliz, mas continuar a sonhar, sobre sua posição na vida e sobre seu futuro. Tudo se torna mais complicado — ao mesmo tempo que se torna possível uma saída — a partir do momento em que nos interrogamos sobre nossa participação nos acontecimentos que deploramos. É o fim da indiferença.

Isso nos leva a situar uma primeira mudança no nível dos afetos, a partir da transferência. O efeito da transferência a que me refiro como primeira mudança é o fato de sermos concernidos pelo próprio inconsciente, o que é também — manifestamente ou de forma silenciosa — um momento de abertura das comportas da angústia.

Essa perspectiva parte da proposição de Freud de que, como ele diz em *Inibição, sintoma e angústia* (Freud, 1926/2014), a angústia é a causa do recalque. A partir daí, fica claro que o mecanismo analítico, que vai contra o recalque, deixa a porta aberta para a expressão da angústia. Aqui, temos outra constante, que é um efeito da transferência. É certo que a análise induz angústia, e sua intensidade varia de sujeito para sujeito, porque está relacionada com sua ligação ao recalque e indica o progresso da análise. É coerente, portanto, que a angústia se torne o afeto central de uma análise.

É um fato que a análise inclui a dimensão da experimentação da angústia. É isso que nos permite compreender como a transferência é uma provação.

Não é o amor de transferência que constitui a provação. O amor é, antes, uma satisfação libidinal que o analisante encontra no aparelho. Freud apercebeu-se disso, e é de notar que ele foi o primeiro a utilizar a noção de manejo da transferência em relação a um caso em que ele perdeu o momento da interpretação. Sem ter interpretado esse momento, a transferência torna-se, em suas palavras, excessivamente positiva. Freud introduziu, então, a noção de manejo da transferência, que consiste em fazer uso do amor à transferência, mostrando que ela é também um obstáculo.

A partir daí, poderíamos reformular nosso desenvolvimento da seguinte forma: se o analista retira o sujeito de sua indiferença, é porque o introduz em uma relação com o tempo, que é uma marca dos efeitos do objeto *a*.

Esses efeitos, que são necessariamente de angústia, não constituem a finalidade da análise, que é a emergência de um novo desejo. Mas esse é o ponto principal. Poderíamos dizer assim: a aposta de uma análise é o modo como o sujeito afetado pelo inconsciente se torna também afetado de outro modo pelo objeto *a*. O levantamento do recalque, objetivo de Freud, permite o acesso a um desejo não recalcado. De certa forma, trata-se de um desejo novo, pois o que o sujeito experimentou ao longo de sua vida é um desejo marcado pelo recalque. Podemos, portanto, dizer que há algo novo no que diz respeito ao desejo para um sujeito. É isso que Lacan designa como efeito de ser, que designa a eficácia da experiência analítica.

Voltamos aqui a nosso ponto de partida. O essencial da objeção de Lacan é que a certeza não pode ser alcançada por meio da ideia. Para ele, trata-se de produzir a certeza pelo afeto. Na análise, chega-se à certeza de um desejo pelo franqueamento da angústia. É nessa condição que o desejo que surge não é apenas um novo arranjo de significantes, mas implica a provação do objeto *a*. O que é outra maneira de dizer que o desejo, no final da análise, não é sem o corpo. Lacan funda mesmo a essência do desejo sobre esse ponto. Pois o objeto *a* é essa parte de nós mesmos que é irrecuperável, objeto perdido nos diferentes níveis da experiência corporal na qual se dá o corte, mas tão decisivo no desejo que, como Lacan postulou: “O desejo permanece sempre, em último termo, desejo do corpo, desejo do corpo do Outro, e nada mais que desejo do seu corpo” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 237). Em outras palavras, o desejo parte de *a* e visa *a*. Quando se diz “quero teu coração” (*c'est le coeur que je veux*), falando do amante, para Lacan isso deve ser tomado ao pé da letra; queremos as tripas, ou, como se diz: “o que ele tem nas tripas?”² (“*qu'est-ce qu'il a dans les tripes?*”). Para os seres de desejo, como os sujeitos após uma análise, isso explica por que pode haver, às vezes, angústia após uma análise.

---

2 Como proposto por Luis Izcovich para essa tradução, a expressão que Lacan usa aqui faz referência à questão do corpo, às tripas como órgãos que estão no interior do corpo, e, ao mesmo tempo, “*qu'est-ce qu'il a dans les tripes?*” é uma expressão usada em francês para perguntar se alguém é capaz de ter coragem. (N.T.)

Referências bibliográficas

- Freud, S. (2014). *Inibição, sintoma e angústia*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-1957)
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo o tratamento possível da psicose. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958)
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 249-264). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2005). *Seminário 10, a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)

Recebido: 01/11/2024

Aprovado: 15/11/2024